

11. Pai, Imitador ou Juiz? A Admoestação Final de Paulo sobre as Divisões em Corinto (1 Coríntios 4:14-21)

Autor: Diego Vieira Dias | Grupo: Teologia e Pregações | Data: 13/11/2025 20:01

1. Uma Correção Paternal, Não Uma Humilhação (vv. 14-16)

Após uma repreensão marcada por uma ironia cortante, na qual expôs o orgulho e a imaturidade dos coríntios, o apóstolo Paulo altera seu tom de maneira sensível. Ele passa da confrontação sarcástica para uma explicação movida por um profundo cuidado pastoral. Sua intenção não era esmagá-los sob o peso da vergonha, mas corrigi-los com a ternura e a firmeza de um pai, revelando que por trás de suas palavras mais duras havia um coração que os amava genuinamente.

A motivação de Paulo é explicitada logo no início: "*Não escrevo estas coisas para que vocês fiquem envergonhados, mas para admoestá-los como meus filhos amados*" (v. 14). O apóstolo sabia que sua abordagem anterior poderia ter soado humilhante, mas seu alvo era outro. Ele buscava "admoestar", um verbo que no grego, *noutheteo*, carrega um significado preciso: colocar algo na mente de alguém com o objetivo de corrigir o pensamento para, conseqüentemente, transformar o comportamento. É a base do que hoje é conhecido como aconselhamento noutético, um modelo que visa alinhar a mente com a verdade bíblica para que as ações sigam o mesmo caminho. Paulo agia como um pai que, por vezes, precisa usar de métodos não convencionais, não para ferir, mas para resgatar um filho amado de um caminho perigoso.

Para justificar essa autoridade corretiva, Paulo estabelece uma distinção fundamental entre sua função e a de outros líderes que passaram pela igreja. Ele afirma: "*porque ainda que vocês tivessem milhares de instrutores em Cristo, não teriam muitos pais*" (v. 15). A palavra traduzida como "instrutores" é *paidagogos* no original grego, um termo que designava tutores ou escravos cultos encarregados de educar os filhos de famílias nobres. Os coríntios poderiam ter tido inúmeros mestres e pastores depois de Paulo, mas somente um "pai". Com essa declaração, ele reivindica seu lugar único como o fundador daquela comunidade, aquele que estabeleceu os alicerces da fé entre eles.

Essa paternidade espiritual é descrita de forma poderosa: "*pois eu gerei vocês em Cristo Jesus pelo evangelho*" (v. 15). Teologicamente, sabemos que a regeneração é uma obra exclusiva de Deus. Contudo, a Bíblia por vezes atribui ao instrumento humano a ação que, em última instância, pertence ao Autor divino. Assim como Tiago escreve que "quem converte um pecador dos seus maus caminhos" salva uma alma, Paulo se vê como o canal através do qual Deus operou o novo nascimento nos coríntios. Foi por meio de sua pregação do evangelho que Deus os chamou e os regenerou. Essa verdade não anula a soberania divina, mas ressalta a dignidade do papel humano no plano de salvação.

Com base nessa relação única e fundamental, Paulo faz um apelo direto e conclusivo: "*Portanto, eu peço a vocês que sejam meus imitadores*" (v. 16). O termo grego para "imitadores" é *mimetes*, de onde deriva a palavra "mimetismo", o fenômeno biológico em que um ser vivo se adapta ou se assemelha ao seu ambiente, como faz um camaleão. O apóstolo não os chama para uma imitação cega de sua personalidade, mas para que adotassem sua atitude em relação a Cristo: sua humildade, seu serviço abnegado, sua recusa em buscar a própria glória e sua disposição para sofrer pelo evangelho. Era exatamente o oposto do comportamento que gerava divisões e orgulho na igreja. Ao se sentirem seguros na graça de Deus, Paulo podia, com confiança, apresentar-se como um modelo a ser seguido, um mapa vivo do caminho cristão.

2. Timóteo, o Mensageiro Fiel (v. 17)

Compreendendo que o chamado para ser seu "imitador" poderia parecer abstrato ou difícil para uma comunidade que havia se desviado, Paulo não deixa a instrução no campo teórico. Ele toma uma

providência prática e estratégica: envia-lhes um exemplo vivo. A ponte entre o comando de Paulo e a obediência dos coríntios seria um de seus mais confiáveis colaboradores, Timóteo, cuja presença serviria como um reforço tangível de seus ensinamentos.

Paulo apresenta Timóteo com credenciais que ecoam seu próprio tratamento aos coríntios: "*Por esta causa eu enviei até vocês Timóteo, que é meu filho amado e fiel no Senhor*" (v. 17). Ao chamá-lo de "filho amado", Paulo o posiciona dentro da mesma esfera de afeto paternal. Mais importante, ele o descreve como "**fiel**" (*pistos*), a mesma palavra grega usada no início do capítulo 4 para descrever a principal qualidade exigida de um despenseiro do evangelho. Timóteo não era apenas um mensageiro; ele era um ministro confiável, alguém cuja vida e doutrina estavam em perfeita sintonia com a mensagem de Cristo. Essa qualificação era essencial para que a igreja de Corinto o recebesse com a devida seriedade.

A missão de Timóteo era clara e direta: "*...o qual fará com que vocês se lembrem dos meus caminhos em Cristo Jesus...*" (v. 17). Ele não estava indo para introduzir uma nova doutrina, mas para reavivar a memória dos coríntios sobre aquilo que já haviam aprendido. Seu papel era lembrá-los não apenas das palavras de Paulo, mas de seus "caminhos" — seu modo de viver, sua dedicação, seus sofrimentos por amor a Cristo e sua busca incessante pela glória de Deus, não pela sua própria. Diante de uma igreja que parecia ter esquecido esses princípios fundamentais, Timóteo seria um espelho, refletindo o padrão apostólico que eles foram chamados a imitar.

Finalmente, Paulo ancora a missão de Timóteo em um princípio de consistência universal: "*...como por toda parte ensino em cada igreja*" (v. 17). Esta frase é uma poderosa afirmação de sua autoridade apostólica. O evangelho que Paulo pregava e o modo de vida que ele modelava não mudavam de cidade para cidade. Não havia uma versão para Roma e outra para Éfeso. Essa consistência universal diferenciava o ministério de um apóstolo, que tinha jurisdição sobre todas as igrejas, do ministério de um pastor local. Timóteo, portanto, não levaria uma mensagem customizada para Corinto, mas o mesmo e imutável padrão do evangelho ensinado em todo o mundo cristão, confrontando a tendência dos coríntios de criar suas próprias regras e hierarquias.

3. O Anúncio da Visita: Palavras vs. Poder (vv. 18-21)

Após a exortação paternal e o envio de um representante, Paulo se dirige diretamente àqueles que formavam o núcleo de oposição dentro da igreja. Ele sabia que um grupo, inflamado por orgulho, se sentia seguro em sua ausência física, desafiando abertamente sua autoridade e apostolado. Com uma advertência severa, o apóstolo anuncia sua intenção de confrontá-los pessoalmente, deixando claro que a disputa não seria resolvida com discursos eloquentes, mas com a demonstração do verdadeiro poder do Reino de Deus.

A raiz do problema era uma arrogância alimentada pela distância. Paulo diagnostica: "*Alguns de vocês se encheram de orgulho, como se eu não fosse mais visitá-los*" (v. 18). Havia em Corinto quem o considerasse um covarde, um líder que apenas enviava cartas duras, mas não tinha coragem para aparecer e sustentar suas palavras. Essa facção se sentia à vontade para minar sua autoridade, acreditando que ele jamais retornaria. Para a surpresa deles, Paulo desfaz essa presunção com uma promessa firme: "*Mas em breve, se o Senhor quiser, irei visitá-los...*" (v. 19). Ao condicionar sua visita à vontade de Deus, ele demonstra sua submissão a Cristo, mas ao mesmo tempo remove qualquer dúvida sobre sua determinação em resolver o problema de uma vez por todas.

O objetivo dessa visita não seria um debate de retórica, mas um teste de autenticidade espiritual. Paulo declara que seu interesse não estaria nas palavras, mas na substância por trás delas: "*...e então conhecerei não a palavra, mas o poder desses orgulhosos*" (v. 19). Ele queria verificar se a suposta superioridade espiritual de seus opositores era apenas "garganta", um discurso vazio, ou se eles de fato manifestavam o poder transformador do evangelho. A afirmação seguinte é uma das mais contundentes da carta: "*porque o Reino de Deus consiste não em palavra, mas em poder*" (v. 20). Esse "poder" não se refere a uma quebra de braço mística, mas à capacidade, operada por Deus, de gerar vidas em Cristo, edificar a igreja e transformar pecadores — exatamente o poder que Paulo já havia demonstrado ao fundar a comunidade.

Diante desse cenário, o apóstolo encerra a seção com um ultimato que coloca a responsabilidade diretamente sobre os coríntios. Ele lhes dá a chance de escolher a natureza de sua chegada: "*O que vocês preferem? Que eu vá até aí com chicote ou com amor e espírito de mansidão?*" (v. 21). As opções eram claras. Ele poderia chegar com a "vara" (ou chicote), exercendo sua autoridade apostólica para aplicar disciplina severa, como já havia feito em outras ocasiões. Ou poderia chegar como um pai, com "amor e espírito de mansidão", para resolver os conflitos como irmãos em Cristo. A decisão não era de Paulo, mas deles. A maneira como recebessem esta carta e tratassem Timóteo determinaria o tom de seu reencontro.

4. Lições Pastorais e a Dinâmica da Salvação

A forma como o apóstolo Paulo lida com a crise em Corinto transcende a situação histórica e oferece princípios duradouros para a vida da igreja. Sua abordagem equilibrada entre firmeza e amor, autoridade e humildade, revela uma profunda sabedoria pastoral e lança luz sobre a maneira padrão pela qual Deus age para salvar pecadores. Extraímos daqui lições vitais sobre a arte da correção, o valor da paternidade espiritual e o processo da conversão.

Primeiramente, aprendemos sobre **a sabedoria na correção**. Paulo demonstra que o coração de um líder sábio sabe discernir "o tempo e o modo" (Eclesiastes 3:1). Há momentos para a brandura e a doçura, e há momentos em que a situação exige firmeza, sarcasmo ou uma repreensão direta, como a que Jesus dirigiu aos fariseus. A ferramenta utilizada deve ser adequada à gravidade da falta e à atitude de quem está em erro. Contudo, independentemente do método, a motivação deve ser sempre o amor que busca a restauração. Paulo deixa claro que seu objetivo não era envergonhar, mas corrigir filhos amados.

Em segundo lugar, a passagem ressalta o respeito e o reconhecimento devidos àqueles que Deus usa para gerar comunidades em Cristo. Ao se identificar como o "pai espiritual" da igreja, Paulo não busca privilégios, mas apela para uma relação fundamental que deveria gerar honra e escuta. As igrejas devem valorizar suas raízes e aqueles que, por meio de grande esforço e sacrifício, lançaram os fundamentos da fé em seu meio.

Por fim, o texto oferece uma descrição maravilhosa da **dinâmica padrão da salvação**: ser gerado de novo em Cristo, através da pregação do evangelho, pela instrumentalidade de uma pessoa. Este é o método que Deus estabeleceu e continua a usar. Embora Deus seja soberano e possa agir de formas extraordinárias, seu procedimento normal não é enviar anjos ou visões a povos isolados, mas enviar pregadores. O Deus que elegeu pessoas para a salvação também elegeu o meio pelo qual seriam alcançadas: a proclamação fiel do evangelho. Isso confere uma urgência e uma dignidade imensuráveis à tarefa missionária e ao testemunho pessoal de cada crente, pois é através desses canais humanos que o poder regenerador do Espírito Santo opera no mundo.

5. A Complexa Relação com uma Igreja Difícil

A interação de Paulo com a igreja de Corinto serve como um retrato honesto e, por vezes, doloroso da realidade do ministério cristão. O trabalho pastoral é complexo, exigente e raramente isento de conflitos. Pastores são pecadores chamados para pastorear outros pecadores, navegando em uma comunidade que a transcrição descreve de forma vívida como o "zoológico de Deus", onde convivem pessoas de todos os tipos, muitas delas profundamente marcadas e quebrantadas pelo pecado.

A paciência, sabedoria e humildade de Paulo são notáveis. Ele gasta quatro longos capítulos tentando resolver a questão das divisões, demonstrando uma recusa em desistir da igreja que ele mesmo plantou em meio a grande sofrimento. A história posterior, registrada na segunda carta aos Coríntios, revela que essa relação continuou sendo a mais complicada de seu ministério. Paulo de fato fez a visita anunciada, mas a descreveu como uma "visita triste" (2 Coríntios 2:1), que não resolveu os problemas e lhe causou grande dor. Ainda assim, ele não desistiu, planejando uma terceira visita na esperança de finalmente restaurar a ordem e a saúde espiritual daquela comunidade.

Essa realidade serve como um poderoso lembrete para todos os membros de uma igreja. O seu pastor é humano. Ele é falho, fica cansado, sobrecarregado e nem sempre sabe a melhor forma de lidar com a complexidade dos problemas que enfrenta. Lida não apenas com as dificuldades inerentes ao pastoreio, mas muitas vezes com a incompreensão de seus membros, presbíteros e líderes. Portanto, a lição final que ecoa da experiência de Paulo é um chamado à ação: ore pelo seu pastor. Peça a Deus que o sustente, o fortaleça, lhe dê sabedoria e o mantenha fiel à sua missão de ensinar os caminhos dos apóstolos. Em tempos difíceis, igrejas fortes são sustentadas por líderes que, por sua vez, são sustentados pela graça de Deus e pelas orações de seu povo.

Augustus Nicodemus. **11. Uma Pastoral Apostólica (1Co 4.14-21)**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VI9LTzKdKQ&list=PLO_KBt7xtI95xrCEtK1k6uudsWfupJTT&index=11. Acesso em: 05/09/2025.

Documento gerado em 04/06/2026 05:51:21 via BeHOLD

BeHOLD